

Editorial

Brasil-Polônia: Diálogos Histórico-Culturais

A exuberante paisagem da Baía de Guanabara se desvela ao olhar sensível e atento dos poetas. A poesia, aliás, assim como a música, nos servem de linguagem para descrever o indescritível. Temos aqui um paradoxo. A linguagem escrita e falada que comumente utilizamos para nos expressar, igualmente nos impõe limitações para descrever com clareza nossos sentimentos, percepções e emoções.

Talvez por isso Tomasz Łychowski utilizou a poesia como forma de registrar suas impressões ao aportar no Rio de Janeiro em 1949. O caminho feito pelo poeta imigrante foi o mesmo de grande parte dos poloneses que desembarcaram na costa brasileira em grandes contingentes a partir do século XIX. Para muitos, a etapa marítima da viagem iniciava-se nos portos de Bremen ou Hamburgo, a partir daí singravam o Atlântico em direção ao Brasil. Apesar de não constituir o destino final da maioria dos imigrantes, a chegada ao Rio de Janeiro certamente ocupava um lugar de destaque no imaginário das famílias, pois representava um marco nessa jornada rumo ao desconhecido. Era o início de uma nova etapa em suas vidas. A maioria deles jamais retornaria à sua terra natal ou veria seus familiares novamente. *A tęsknota za domem*¹ se tornou uma constante.

Nos anos de 1772, 1793 e 1795 a Polônia teve seu território ocupado e partilhado pelos Impérios Russo, Austríaco² e Reino da Prússia. A Polónia então deixou de ser uma nação soberana e a sua população foi subjugada. No século XIX eclodiram articulações e revoltas armadas que visavam a recuperação da sua autonomia. As dificuldades impostas pela dominação estrangeira eram aguçadas pelo recrutamento para o serviço militar junto às nações ocupantes e severas imposições que restringiam o uso da língua polonesa. Foi nessa conjuntura que grande parte dos imigrantes poloneses chegou ao Brasil, dentre os quais, participantes dos dois grandes levantes do século XIX (*Powstanie listopadowe* e

¹ Saudades de casa.

² Domínio territorial com múltiplas denominações e fronteiras. Monarquia ou Império de Habsburgo (1526 – 1867); Império Austríaco (1804 – 1867), Império Austro-Húngaro (1867 – 1918).

Powstanie styczniowe). Para muitas famílias, a emigração era encarada como a única possibilidade de oferecer aos seus filhos a expectativa de uma vida com menos privações. Impelidos pelas imprecisas propagandas das companhias de navegação, o Brasil era vislumbrado como a “Terra Prometida” (*Ziemia Obiecana*). Um lugar de fartura e oportunidades. A realidade, no entanto, mostrou-se menos romântica. O desafio era descomunal. Encontraram uma nação em processo formativo, para a qual dariam a sua contribuição.

Graças à atuação de Rui Barbosa, proeminente estadista brasileiro defensor da causa polonesa, o Brasil foi o primeiro país latino-americano a reconhecer formalmente a recuperação da independência da Polônia ocorrida após a Iª Guerra Mundial em 1918. No ano de 1920, o Conde Franciszek Ksawery Orłowski foi nomeado para exercer o cargo de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da República da Polônia no Brasil. Logo, a publicação do dossiê no ano de 2020 se apresenta também como uma **celebração ao centenário do estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países**.

Com a eclosão da IIª Guerra Mundial em 1939, o período migratório acentuou-se novamente. O maior fluxo, no entanto, foi registrado no período em que a Polônia encontrava-se ocupada, fator que gerou uma elevada subnotificação dos dados estatísticos referentes à imigração polonesa no Brasil, uma vez que os imigrantes portavam documentos emitidos pelas nações ocupantes. Os dados utilizados por diversas organizações e mesmo pelos Ministérios das Relações Exteriores do Brasil e da Polônia são imprecisos e díspares.

Sua correção e atualização é uma tarefa que se impõe aos historiadores. Pesquisas recentes têm alçado os poloneses ao posto de **terceiro maior contingente imigratório do Brasil**, contabilizando mais de 600 mil pessoas, o que corresponde a um percentual de 11,50% do total de imigrantes, suplantados apenas pelos italianos (32,22%) e portugueses (29,20%), e seguidos pelos espanhóis (11,03%), alemães (5,05%) e japoneses (3,75%). Com base em cálculos demográficos e estatísticos, estima-se que atualmente os brasileiros com ascendência polonesa totalizem cerca de **cinco milhões de pessoas**.³

As cifras expressivas se traduzem em contribuições nos mais variados aspectos da sociedade brasileira. A presente publicação tem por objetivo destacar os diálogos histórico-culturais que ocorrem no âmbito da produção acadêmica e científica,

³ Tais dados - em grande medida inéditos - foram levantados, sobretudo, no âmbito das pesquisas realizadas pelo Pe. Jan Pitoń (*in memoriam*). Sua base de dados vem sendo revisada e ampliada pelo historiador Ulisses Iarochinski.

especialmente no campo histórico-cultural. Tais diálogos são também o reflexo das trajetórias históricas que unem ambos os países. A evidenciação e potencialização dessas relações é um dos objetivos do **Núcleo de Estudos Históricos e Arqueológicos Brasil-Polônia**, cuja criação foi formalizada no ano de 2019 pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). A elaboração do dossiê ocorre no âmbito da cooperação acadêmica entre a Universidade de Passo Fundo e a *Uniwersytet Wrocławski*.

Alguns artigos aqui publicados exploram temáticas que, em maior ou menor grau, oscilam em torno da história da imigração polonesa, enquanto outros evidenciam o intercâmbio científico e suas interfaces entre os dois países. Temos a satisfação de congregar contribuições provenientes dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Espírito Santo, além de textos das cidades polonesas de Varsóvia, Wrocław e Katowice. Estabelecemos assim uma conexão entre os diferentes pesquisadores que passa a ser compartilhada e estendida aos leitores.

O artigo de abertura intitulado *Na fronteira Brasil – Polônia: cooperação acadêmica em Antropologia Forense a serviço dos Direitos Humanos* sintetiza a proposta do dossiê, uma vez que explora as possibilidades e perspectivas atuais de cooperação científica entre os dois países. As pesquisadoras Katarzyna Górka e Cláudia Regina Plens nos apresentam o contexto da Antropologia Forense e seu papel nos Direitos Humanos no Brasil. O texto descreve a realidade acadêmica e profissional, bem como evidencia as limitações que se impõem ao exercício da profissão, como a falta de formação especializada, insuficiência de infraestrutura e investimentos, sobrecarga de recursos humanos, ausência de protocolos a nível federativo, dentre outros desafios. Frente a esse cenário, a cooperação científica internacional se apresenta como indispensável para o amadurecimento e fortalecimento da área no país. O texto é apresentando em sua versão bilíngue (português e polonês).

Na sequência, o artigo *Pedidos de Extradição Formulados pela Polônia Contra Criminosos Nazistas Residentes no Brasil*, de autoria de Felipe Cittolin Abal, traça um histórico dos processos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner, criminosos nazistas que após praticarem suas atrocidades em Sobibor e Treblinka passaram a viver impunemente no Brasil. Os pedidos formulados pela Polônia foram julgados pelo Supremo Tribunal Federal em 1967 e 1979, sendo ambos indeferidos por prescrição. Em sua abordagem histórico-jurídica o pesquisador constrói uma análise crítica e fundamentada a respeito do andamento e desdobramentos dos processos.

Em *Polonidade no Brasil: papel dos atores sociais e das instituições na manutenção e/ou extinção do patrimônio cultural*, Schirlei Mari Freder coloca em evidência a importância social dos ativistas culturais étnicos no exercício da polonidade e, sobretudo, o seu papel na manutenção ou extinção de instituições polonesas e polono-brasileiras ao longo das últimas décadas no Brasil. Baseada em pesquisas bibliográficas e observações de campo, a pesquisadora investiga as motivações subjetivas dos atores sociais – e suas transformações – que impelem a sua atuação nas ações de perpetuação e esquecimento de símbolos e códigos culturais inerentes ao patrimônio cultural material e imaterial do grupo étnico polonês.

Ocasionalmente, temos um bloco temático composto por três textos que orbitam em torno do assunto da educação nas colônias polonesas e suas interfaces com os processos culturais de construção identitária. Na emergência das dinâmicas de construção das identidades nacionais na primeira metade do século XX, o artigo *Iniciativas Escolares Polonesas - Polskie szkoły no Brasil e a atuação do consulado no pós-reunificação polonesa: discursos e negociações culturais e identitárias*, da pesquisadora Fabiana Regina da Silva, explora de forma magistral as conexões culturais, políticas e religiosas que permearam as iniciativas educacionais nas comunidades étnicas da diáspora polonesa no Brasil, destacando, sobretudo, o papel dos agentes consulares no delineamento e construção dos discursos e ações para a construção do espírito nacional enquanto comunidade imaginada.

Dando sequência ao tema da identidade étnica, Adriano Malikoski aborda a manutenção da nacionalidade polonesa através da promoção cultural nos núcleos étnicos. Em seu texto intitulado *A União Central dos Poloneses do Brasil e a imposição cultural nacional (1930 – 1938)*, o pesquisador desvela o papel da União Central dos Poloneses do Brasil nesse processo, bem como o impacto das políticas de nacionalização implantadas pelo Estado Novo no Brasil, cujos efeitos possuem reflexos na atualidade, em especial a perda do conhecimento do idioma polonês pela maioria dos descendentes de imigrantes. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, Malikoski analisou artigos de periódicos étnicos e documentações consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Polônia (*Ministerstwo Spraw Zagranicznych*).

A temática que perpassa as políticas de nacionalização e as escolas étnicas polonesas é abordada através de um recorte regional pelas pesquisadoras Isabel Rosa Gritti e Silvana Maria Gritti. O artigo intitulado *A educação polonesa na Colônia Erechim: a escola como instrumento de organização e resistência* acentua o papel do

imigrante polonês como um sujeito social que busca a construção do seu espaço de existência em um contexto de confrontos e adversidades decorrentes das políticas de nacionalização do ensino brasileiro. Frente a essa conjuntura, a escola passou a irradiar processos de resistência, conflitos e tensionamentos.

Temas como identidade e memória igualmente constituem o cerne do artigo da pesquisadora Thaís Janaina Wenczenovicz. Seu foco, todavia, está centrado nos espaços de guarda de memória de imigrantes ou descendentes de poloneses. Seu texto intitulado *Cultura, identidade(s) e memória na imigração polonesa no Rio Grande do Sul* nos apresenta um recente levantamento de dados acerca de instituições e locais de guarda de informações e acervos com potencial informativo sobre a história da imigração. Dentre os espaços relacionados figuram arquivos pessoais, arquivos públicos, associações, cartórios, igrejas e museus.

A escrita da história da imigração polonesa no Brasil comumente está centrada no sul do Brasil, região que recebeu os maiores contingentes de imigrantes. Entretanto, o monopólio da narrativa por vezes sufoca a historiografia das demais regiões que igualmente são fundamentais para a compreensão do tema em questão. Nessa perspectiva insere-se o artigo *Poloneses no Espírito Santo: duas trajetórias de um povo entre os vales da Serra e os sertões do Norte*. Nele as pesquisadoras Renata Siuda-Ambroziak e Maria Cristina Dadalto desenvolvem uma perspectiva comparativa de duas fases migratórias polonesas no estado do Espírito Santo, ambas marcadas por diferentes contextos sociopolíticos e históricos, destacando, dessa forma, a importância da ação da sociedade e das instituições no processo de assentamento e de recepção dos imigrantes.

No epílogo da seção de artigos a pesquisadora Magdalena Bąk nos proporciona uma leitura leve e ao mesmo tempo reflexiva. O texto intitulado *Brazylia Tomasza Łychowskiego*⁴, redigido em língua polonesa, nos apresenta o Brasil aos olhos do imigrante Tomasz Łychowski. Poeta, pintor, professor e escritor, Łychowski registrou em versos suas impressões e as especificidades do Brasil. Em seus poemas também estão presentes várias reflexões inerentes à condição de imigrante, em especial os mecanismos de aquisição e construção de uma identidade híbrida, tema caro e recorrente nas atuais colônias polonesas do Brasil.

Por fim, na seção de **Traduções** publicamos um ensaio da laureada escritora polonesa Olga Tokarczuk. O texto intitulado *O narrador sensível* foi apresentado pela

⁴ “O Brasil de Tomasz Łychowski”.

escritora durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de Literatura em Estocolmo, na Suécia, em 2019. Sua tradução nos foi apresentada por Alcione Nawroski, pesquisadora que transita pelos diálogos acadêmicos entre o Brasil e a Polônia. A publicação do ensaio ocorre com a devida anuência da ©*The Nobel Foundation*.

Os artigos são ainda precedidos por uma contribuição que recebemos da Embaixada do Brasil em Varsóvia, apresentada na sequência. O texto do Embaixador Hadil da Rocha Vianna enaltece as relações de cordialidade e cooperação entre os dois países.

Encerramos esse editorial com a satisfação e a certeza de que o dossiê temático extravasou as possibilidades de diálogos histórico-culturais no âmbito da pesquisa e intercâmbio acadêmico entre os dois países. Registramos aqui o nosso agradecimento aos colaboradores, com um destaque especial às pesquisadoras que respondem por 85% da publicação.

Desejamos a todos uma agradável leitura.

Serdecznie pozdrawiamy.

Prof. Dr. Fabricio J. Nazzari Vicroski
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Prof. Dr. Józef Szykulski
Universidade de Breslávia, Polônia

Organizadores

Passo Fundo/Wrocław, setembro de 2020.

O aniversário de 100 anos da amizade entre Brasil e Polônia

Hadil da Rocha Viannaⁱ

Em 27 de maio de 2020, celebramos o centenário do estabelecimento das relações diplomáticas entre Brasil e Polônia. Na qualidade de Embaixador do Brasil neste querido país, congratulo-me, em nome de todos os brasileiros, com todos os amigos poloneses por essa data tão especial para nossos povos e nossas nações.

Há 100 anos, em 27 de maio de 1920, o primeiro representante diplomático polonês a servir no Brasil, Ksawery Orłowski, apresentou cartas credenciais ao então Presidente brasileiro, Epitácio Pessoa, ato que formalizou o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países.

Um pouco mais tarde, em 3 de junho de 1921, o governo brasileiro enviou seu primeiro representante diplomático à Polônia, Rinaldo de Lima e Silva, que, por sua vez, entregou cartas credenciais a Józef Piłsudski, Primeiro Ministro da recém independente Polônia. Nessa época, o Brasil, que proclamara sua independência em 1822, era um jovem país, prestes a completar seu primeiro centenário. E, por essa razão, reconhecia e prezava o valor inalienável da liberdade plena, do direito de um povo de traçar seu próprio destino.

Ainda no período monárquico da história da nação brasileira, de 1822 a 1889, o reconhecimento e a defesa do direito da Polônia à soberania eram caros aos imperadores brasileiros, Dom Pedro I e Dom Pedro II. A esse propósito, considero sempre oportuno lembrar a iniciativa emblemática de Dom Pedro I, durante um espetáculo num teatro em Paris, por ocasião da insurreição polonesa de 1830, de levantar-se e gritar, em alto e bom som, *Vive la Pologne libre!* Consciente da relevância de sua atitude, o soberano brasileiro não hesitou em conceder, naquele momento, o respaldo de todo seu povo à causa da independência da Polônia.

Já no período republicano, as manifestações do apoio brasileiro à causa polonesa couberam a personagens históricos de nossa política, com destaque para o renomado jurista Ruy Barbosa. Em seus inflamados pronunciamentos em foros internacionais, como a II Conferência Internacional da Paz na Haia, em 1907, Ruy Barbosa exortava o mundo a reconhecer o incontestável direito do povo polonês à autonomia.

Em 17 de agosto de 1918, o governo brasileiro reconheceu formalmente, durante o governo do então Presidente Wenceslau Brás, o direito da Polônia de constituir um Estado unificado e soberano. Na nota oficial do governo brasileiro, o então Ministro do Exterior,

Nilo Peçanha, expressou solidariedade à libertação da Polônia, cuja submissão ao domínio de impérios estrangeiros, afirmava, “era uma das maiores injustiças da História”.

Fomos o primeiro país na América Latina a reconhecer a independência polonesa, fato que muito nos orgulha. O invencível espírito nacional, a inabalável resiliência e o inegociável desejo por liberdade do povo polonês sempre foram fontes de inspiração para os brasileiros.

O apreço à liberdade encontra-se, portanto, na fundação de nossos laços diplomáticos e políticos, que, por sua vez, consolidou os tradicionais e prósperos vínculos de amizade que há muito tempo unem nossos povos. Há 150 anos, celebrados no ano passado, os primeiros fluxos significativos de imigrantes poloneses para o Brasil em busca de melhores condições de vida e de liberdade, entrelaçaram nossas histórias. A hospitalidade, a camaradagem e a simpatia dos brasileiros foram reciprocadas pelos poloneses com sentimentos e atos calcados sobre valores nobres como responsabilidade, lealdade, honestidade e trabalho duro.

No decorrer das várias ondas migratórias, os poloneses indubitavelmente muito contribuíram para o desenvolvimento da agricultura, indústria, ciência e artes brasileiras. Nas primeiras ondas, ainda no Século XIX, muitos camponeses levaram inovações técnicas da agricultura europeia. Mais tarde, já no Século XX, entre os imigrantes encontravam-se expoentes da *intelligentsia* polonesa, como os poetas Julian Tuwin e Jan Lechón, a atriz Irena Eichlerówna, o escultor August Zamoyski, a artista plástica Fayga Ostrower, entre outros, todos responsáveis por indeléveis influências na formação e no desenvolvimento do então emergente cenário cultural brasileiro. Cabe destaque ao ator e diretor Zbigniew Ziemiński, que, radicado permanentemente no país, se tornou figura de proa na produção teatral nacional contemporânea.

A segunda maior comunidade de descendentes de poloneses no exterior, estimada em quase dois milhões de pessoas, encontra-se no Brasil, em particular no Estado do Paraná. Atualmente, é a vez da Polônia receber brasileiros, muitos deles de ascendência polonesa. Cerca de três mil brasileiros estudam e trabalham hoje na Polônia, em sua maioria jovens de alta qualificação, atraídos pelo momento de progresso econômico que a sociedade polonesa vem trilhando na União Europeia e no mundo. Sem sombra de dúvidas, tal circunstância tem deixado as impressões digitais de muitos brasileiros na trajetória do sucesso polonês na produção de bens e serviços de alto valor agregado, bem como dos investimentos.

É no panorama atual de maior asserção do papel internacional do Brasil e da

Polônia, que as relações entre nossas sociedades se têm estreitado, ainda mais, em torno da comunhão de valores tradicionais. Desde a eleição do presidente Jair Bolsonaro, os dois países têm vivido momento único de afinidade e aproximação, por conduzirem governos que se definem conservadores e que compartilham percepções afins sobre o tratamento de diversos temas internacionais, como imigração, liberdade religiosa e proteção à família.

Essa afinidade e aproximação têm-se traduzido em encontros cada vez mais frequentes das respectivas autoridades de alto nível, propiciando assim amplo respaldo político à cooperação bilateral. As perspectivas de incremento do diálogo entre os dois países têm-se notadamente intensificado em áreas como comércio, defesa, educação, ciência, tecnologia, inovação e cultura.

Os fluxos bilaterais de comércio e investimentos têm crescido ano-a-ano. De 2015 a 2019, o comércio entre nossos países elevou-se de 1,02 bilhão para 1,51 bilhão de dólares norte-americanos. A pauta comercial bilateral mantém-se diversificada, incluindo *commodities* agrícolas, aeronaves, medicamentos e peças de automóveis.

Na área de turismo também há grande potencial para cooperação, como ilustra o projeto Eco-Estrela, capitaneado por empresários poloneses, que consistirá na construção de importante complexo de hotéis e condomínios residenciais no estado do Rio Grande do Norte, no nordeste brasileiro, internacionalmente conhecido por suas belíssimas praias. O empreendimento, além de contemplar soluções ambientalmente sustentáveis, contribuirá para o desenvolvimento socioeconômico da região por meio da criação de postos de trabalho.

As possibilidades de cooperação entre Brasil e Polônia ampliam-se à luz da relevância do setor de defesa e segurança para a política externa da Polônia, bem como da aproximação do Brasil com a OTAN. A empresa brasileira do setor aeroespacial, EMBRAER, tanto em sua vertente de defesa quanto na frente comercial, tem reforçado, com apoio da Embaixada do Brasil, seus contatos com parceiros locais e avaliado possibilidades de cooperação.

Quanto à cooperação educacional entre Brasil e Polônia, por sua vez, ela vem de longa data. Verifica-se o ensino da vertente brasileira da língua portuguesa tanto na educação secundária, como é o caso do Liceu Ruy Barbosa, em Varsóvia, quanto na superior, a exemplo dos cursos ministrados na Universidade de Varsóvia e na Universidade Marie-Curie, em Lublin, por exemplo. No Brasil, além de escolas municipais nas regiões com grande número de descendentes poloneses, a Universidade de Brasília também oferece o ensino da língua polonesa.

Na área de ciência e tecnologia, a Embaixada do Brasil tem buscado promover iniciativas com o objetivo de divulgar o ecossistema de inovação brasileiro, atrair para o Brasil empresas polonesas com soluções inovadoras, bem como promover o universo polonês de tecnologia da informação para *startups* brasileiras. Para tanto, temos trabalhado para promover os eventos “Brazil Tech Award”, em São Paulo, e “Wolves Summit”, em Varsóvia.

Por último, mas não menos importante, no campo da cultura, instituições como a Sociedade Polono-Brasileira Ruy Barbosa, que em 2020 completa 90 anos, presidida pelo Embaixador Stanisław Pawliszewski, e a Fundação Macunaíma, presidida por Paweł Kucharczuk, divulgam, há muitos anos, a cultura brasileira na Polônia.

A respeito de nossas trocas culturais, convido a todos a assistirem os vídeos comemorativos do centenário das relações diplomáticas entre o Brasil e a Polônia, produzidos pelas Embaixadas dos dois países, em nossa página do *Facebook*.

Finalmente, cumpre observar que os momentos difíceis que todo o planeta enfrenta em decorrência da pandemia do novo coronavírus convidam a uma reflexão permanente sobre a importância da amizade genuína e da cooperação, não somente entre indivíduos, mas também entre povos e nações.

Como vimos, há um século Brasil e Polônia mantêm sólidos laços históricos e culturais. Fortalecidos por essa relação e pelo compartilhamento de valores como fé, liberdade, democracia e economia de mercado, nossos dois países se credenciam para exercer papéis cada vez mais relevantes no cenário internacional e, assim, triunfar no enfrentamento dos desafios que se possam apresentar, em prol da prosperidade de seus povos e da paz.

Felicidades, Brasil!

Felicidades, Polônia!

Que venham mais centenários para comemorarmos!

ⁱ Embaixador do Brasil na Polônia.